

Ruralidade e tecnologias de informação e comunicação: os novos modos de viver de famílias agricultoras

Rurality and information and communication technologies:
the new ways of living of farming families

Ana Carolina D. Escosteguy,*
Ângela Cristina Trevisan Felippi**

* Doutora em Ciências da Comunicação, Universidade de São Paulo, Brasil. Pesquisadora do CNPq (Brasil). Professora visitante do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).
✉ carolad2017@gmail.com

** Doutora em Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Professora do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional (PPGDR), Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC).
✉ angelafe@unisc.br

RECIBIDO: [19.9.2017]

ACEPTADO: [29.10.2017]

Resumo

O artigo origina-se de pesquisa que investiga os usos de tecnologias de informação e comunicação (TICS) entre famílias rurais, mais especificamente os sujeitos nas suas relações tanto com a mídia tradicional, quanto com a nova, num contexto de novas ruralidades. O recorte aqui está limitado, principalmente, aos usos das mulheres e jovens, respectivamente, em seus papéis de mãe e filho/a. Foram investigadas sete famílias de um mesmo município do Sul do Brasil, que apresentam usos diversos do celular e do computador, com ou sem acesso à internet, porém com destaque para a constituição de novas formas de sociabilidade mediadas por essas tecnologias.

Palavras-chave: Brasil, família, telefone celular, tecnologias de informação, mulher rural, jovem rural, comunicação interpessoal.

Abstract

Based on research on the uses of information and communication technologies (ICT) among rural families, the article particularly deals with the subjects and their relationship with traditional and new media, in the context of new ruralities. It focuses on how the ICT are used by women and young people, in their mother and child roles. The research involved seven families from a municipality in the south of Brazil. Although they present diverse uses of the cell phone and the computer, with

or without Internet, they have in common the constitution of new forms of sociability mediated by these technologies.

Keywords: Brasil, family, mobile phones, information technology, rural women, rural youth, interpersonal communication.

Resumen

El artículo tiene origen en una investigación sobre los usos de tecnologías de información y comunicación (TIC) entre familias rurales. En particular, trata de las relaciones de los sujetos con los medios tradicionales y los nuevos, en un contexto de nuevas ruralidades. Para este artículo el tema se limita a los usos de las mujeres y de los jóvenes, en sus papeles de madre e hijo/a. Se investigaron siete familias de una municipalidad del sur de Brasil, las que presentan usos diversos del celular y de la computadora, con o sin internet, aunque tienen en común la constitución de nuevas formas de sociabilidad mediadas por esas tecnologías.

Palabras-clave: Brasil, familia, teléfono móvil, tecnología de la información, mujer rural, joven rural, comunicación interpersonal.

Introdução

Na sociedade contemporânea, a tecnologia ganhou relevância que não encontra par em outros momentos, extrapolando seu caráter instrumental e atravessando a vida social como um todo. No meio rural, numa dada região do Sul do Brasil, as tecnologias de informação e comunicação (TICs) também têm se tornado uma realidade, embora escassamente visível como tema de pesquisa. Aqui, trata-se justamente de abordar as práticas e experiências de famílias agricultoras com essas tecnologias.

De modo geral, o estudo revela que a vida social cotidiana e, conseqüentemente, os modos de viver em família são afetados e reorganizados pela presença desses meios, principalmente, com a chegada do telefone celular e da internet. Visto a capacidade dessas tecnologias tanto de intensificar a sociabilidade quanto de aprofundar o isolamento, a tendência para um ou para outro, assim como as funções que esses meios exercerão para a família, depende de fatores como geração e gênero, entre outros (Livingstone, 1996). Os dados coletados evidenciam a importância dessas duas condições, embora a pesquisa não tenha assumido nem a perspectiva de gênero, nem de geração.

Como marco geral adotam-se basicamente duas premissas. A primeira entende que o rural contemporâneo é uma construção social dos distintos atores que compartilham esse espaço e atribuem sentidos a determinados comportamentos e atividades que configuram novas imagens do rural. Portanto, o rural é percebido como «um fenômeno cultural historicamente forjado» (Carneiro, 2012: 34) que, hoje, vivencia um momento particular de

esmaecimento de fronteiras rígidas entre meio urbano e meio rural¹, sobretudo pela intensificação da mobilidade física e cultural dos seus habitantes, no qual o papel das TICs é de considerável importância. A segunda pressupõe que a mídia tradicional – basicamente TV, rádio e jornal – e a nova mídia – principalmente telefone celular, computador e internet – estão ocasionando transformações na vida cotidiana do grupo estudado e que as incorporações de tais artefatos tecnológicos, isto é, os usos e experiências são sempre produzidos no espaço cotidiano. Assim, considera-se que o contexto exerce determinações relevantes sobre como as tecnologias são percebidas, adotadas e utilizadas pelas pessoas (Morley, 2008).

Em suma, o presente artigo se origina de pesquisa empírica, apresentando uma síntese de dados sobre as famílias investigadas,² especificamente centrada nos usos e incorporações dos jovens, filhos e filhas de agricultores, e das agricultoras adultas e idosas, ou seja, suas mães e avós. O recorte espacial é a microrregião de Santa Cruz do Sul, caracterizada economicamente pela produção e pelo beneficiamento do tabaco. Todas as famílias investigadas estão ligadas à agricultura familiar³ e são residentes de algum município dessa microrregião, localizada no estado do Rio Grande do Sul, a qual apresenta uma população predominantemente rural (88,72%) e uma economia estruturada na produção agrícola do tabaco.

A investigação, realizada entre 2014 e 2017, trata dos usos e das relações que se estabelecem com as TICs, atravessados pelas circunstâncias específicas das condições de trabalho e vida social no rural contemporâneo. Embora a pesquisa contemple todos os membros de sete famílias rurais, nesta ocasião, a ênfase está posta nos jovens, na sua condição de filhos e filhas de agricultores, atores fundamentais no processo de desenvolvimento da agricultura familiar, e nas mulheres adultas e idosas, na sua condição de mães ou avós. O subconjunto dos jovens totaliza 10 sujeitos, de idade entre 14 e 25 anos,⁴ filhos/filhas de

-
- 1 Em que pese a compreensão das categorias rural e urbana serem uma construção social, no Brasil, para efeito de gestão do espaço, o urbano corresponde às cidades, áreas urbanas isoladas e vilas, enquanto rural é toda área afora dos limites urbanos. O entendimento é estendido para a classificação de população urbana e rural (IBGE, 2017).
 - 2 Este artigo revisa e articula dados de duas produções anteriores: Escosteguy, Sifuentes e Bianchini (2017) e Felippi, Escosteguy (2017).
 - 3 Considera-se agricultura familiar como uma categoria social composta por famílias de agricultores com a propriedade de pequenas áreas de terra e que dispõem quase exclusivamente ou exclusivamente do trabalho familiar, com certa organização produtiva e social própria, ancorada na diversidade.
 - 4 O recorde etário que define os jovens, no contexto da pesquisa, se aproxima da faixa etária proposta pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), que os considera situados entre 15 a 29 anos, e pelos organismos internacionais, como a ONU, que considera entre 15 e 24 anos. Na pesquisa, os jovens têm de 14 a 25 anos por se entender que, no grupo das famílias estudadas, esses sujeitos apresentavam comportamentos de uso das TICs que os aproximavam, com distinções dos demais sujeitos da pesquisa. Assim, entendendo que não existe um limite etário universalmente aceito para definir juventude, assumimos uma delimitação mais próxima de modos de vida, neste caso, associado, sobretudo, aos usos de TICs.

agricultores e com posse e acesso de algumas TICs, entre as quais o telefone celular. Deste grupo, duas são do sexo feminino. Já o subconjunto de mulheres totaliza 11, sendo sete adultas, de idade entre 30 e 45 anos, e quatro idosas, de mais de 60 anos.⁵

Nas famílias, as mídias tradicionais – jornais, rádio e televisão – são os dispositivos tecnológicos mais utilizados, sendo que a nova mídia – em especial, a internet – está distante para muitas das unidades familiares investigadas. Entre os jovens, o uso do celular tem se constituído em elemento dinamizador de novos espaços de sociabilidade (espaços de *wi-fi* livre na localidade rural próxima às propriedades), viabilizando-se fundamentalmente como um dispositivo de lazer (jogos, redes sociais, conversas e namoros). Nas moradias em que há o alcance de sinal, o telefone celular é fundamentalmente utilizado pelas mulheres, jovens, adultas e idosas, para aproximar membros da família que se encontram distantes. Embora exista certa homogeneidade nos usos de TICs, também nota-se diversidade entre esses dois grupos e daí a configuração de ruralidades, espaços heterogêneos e diversificados, vivenciados num cotidiano de presença de tecnologias de informação e comunicação, os quais pressupõem a convivência entre meios mais antigos e mais novos.

As TICs em perspectiva teórica

As TICs – compreendidas tanto como a mídia tradicional que engloba, entre outros meios, os jornais e revistas impressas, o rádio e a televisão, como a nova mídia, o telefone celular, o computador, os *tablets* e a própria internet – tornaram-se onipresentes na vida social contemporânea, portanto, tema central de inúmeras investigações. De modo simples, pode-se dizer que duas visões preponderam na análise sobre sua vinculação com a sociedade: o determinismo tecnológico em que a tecnologia é elemento central e determinante de mudanças sociais e culturais – perspectiva mídia-centrada; e a visão cultural na qual a tecnologia é tanto um fenômeno tecnológico quanto cultural. Sendo assim, tais aspectos são mutuamente interdependentes e constitutivos das transformações sociais.

Na primeira, entende-se que a técnica faz parte da composição dos processos comunicacionais, sendo elemento central nas sociedades moderna e pós-moderna. Por sua vez, na era da sociedade da informação e da comunicação, ciência e técnica estão a serviço de interesses que moldam e delimitam o curso dos acontecimentos sociais.

5 A idade dos sujeitos de pesquisa, bem como outras informações sobre escolaridade e condição de trabalho, refere-se ao momento de aplicação do formulário, primeiro instrumento de coleta de dados, que, em parte das famílias, foi em 2014 e 2015 e, em outra parte, em 2016.

Com certo fascínio, as tecnologias também são vistas como instrumentos emancipatórios do ser humano.

Em contrapartida, embora os processos de comunicação contemporâneos simbolizem uma mudança cultural global no modo de vida dos indivíduos, mudança esta associada a um arcabouço tecnológico difundido em nível global, notam-se, porém, usos distintos, diferentes apropriações, interações e acessibilidades. Isto é, o fato de uma tecnologia ser mundialmente difundida, não significa que seja usada, apropriada e incorporada da mesma forma pelos diversos grupos sociais em contextos diferenciados.

Mais próxima dessa última abordagem, a matriz teórica da presente pesquisa assume que o desafio tecnológico não tem origem na tecnologia em si, mas no papel que os meios exercem na vida cotidiana, nos seus usos e rituais. Isso significa inserir a presente investigação dentro do âmbito dos usos das TICs e/ou das práticas de consumo midiático ou mesmo do consumo de tecnologias domésticas, em especial aquelas orientadas pela abordagem de Silverstone e Hirsch (1996). Esse marco teórico, também, está associado às contribuições de Couldry (2010), Morley (2008) e Martín-Barbero (2009).

Adota-se, ainda, a distinção entre incorporação e apropriação (Silverstone; Hirsch; Morley, 1996). A primeira diz respeito aos modos pelos quais se utilizam as tecnologias, isto é, como estas são incorporadas na rotina cotidiana, sendo tal incorporação constituída, por sua vez, por diversas temporalidades. Portanto, a incorporação revela “como os meios [as tecnologias de informação e comunicação] fazem parte das temporalidades, materialidades e rotinas cotidianas” (Pink; Mackley, 2013: 680). Já a apropriação trata da posse do artefato tecnológico, ou seja, está relacionada ao processo global de consumo no qual o objeto ultrapassa a fronteira da economia formal, e a família e/ou o indivíduo se tornam proprietários do mesmo.

No âmbito da incorporação, as TICs exigem um processo de domesticação, em triplo sentido: como algo *selvagem*, que deve ser domado porque questiona o horizonte de experiência anterior com as tecnologias de comunicação; como algo *estranho*, que exige ser incorporado no lar para que adquira significado nas coordenadas da vida cotidiana; e como algo que necessita *fazer sentido* em nossos próprios marcos culturais, cognitivos e afetivos (Morley, 2008, p. 140).

E, por fim, ressalta-se que é também imprescindível a compreensão dos processos de adaptação e convivência entre meios mais antigos e mais novos e, conseqüentemente, como tanto uns quanto outros fazem parte dos meios que são utilizados pessoalmente no ambiente doméstico, laboral e, também, público (Morley, 2008). Esse tipo de enfoque ajuda a reter em tensão, por um lado, as inovações técnicas e as mudanças e, por outro, as formas sociais e as dinâmicas culturais constituídas no cotidiano (Varela, 2010). Nesse escopo, identificam-se aqui as relações que se estabelecem entre sujeitos e TICs, obrigatoriamente tomando um conjunto de artefatos tecnológicos interrelacionados que se complementam, convivem ou até mesmo se sobrepõem.

No Brasil, constata-se um aumento de domicílios que possuem equipamentos de TICs, na última década, embora, em dados percentuais, o que cresceu foi o acesso ao

celular e ao *tablet*. Pesquisas do CETIC⁶ apontam para o caso do telefone celular, que teve um expressivo aumento de presença nos domicílios, entre 2008 e 2016, de 72% para 93%, apesar de existir a discrepância entre urbano e rural, sendo que no segundo apenas 84% das pessoas possuíam celular em 2016 (Cetic.br, 2008 a 2016). A presença do *tablet* começa a ser averiguada em 2012, de forma que os dados vão num crescente a chegar em 2016 com 17% dos lares brasileiros com este equipamento, sendo 19% urbanos e apenas 7% rurais. O computador portátil sobe de 3% para 29% na década, estando em 10% do rural brasileiro em 2016. Com o computador de mesa acontece a situação contrária: os percentuais gerais de posse diminuem, indo de 23%, em 2008, a 22%, em 2016. No caso do meio rural, a presença deste equipamento nos lares passa dos 7%, em 2008, atingindo um pico de 12%, em 2013, e voltando aos 7%, em 2016 (Cetic.br, 2008 a 2016).

Dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (o PNAD),⁷ dos últimos anos, dão conta da presença da internet nos lares. Esses, também, são ilustrativos da presença das TICs nos espaços rural e urbano do Brasil, conforme se apresenta a seguir (Tabela 1).

Desta forma, sobre o acesso à internet, a PNAD vem dando conta do seu crescimento no Brasil, por diferentes equipamentos, especialmente o celular. Em 2015, 57,8% dos lares tinham internet, um equivalente a 39,3 milhões de domicílios, sendo que no espaço rural apenas 21,2% dos lares tinham internet. Por esse contingente populacional, a internet é acessada por diferentes equipamentos, conforme indicam os percentuais da Tabela 1. O rural ainda fica aquém do urbano, com 21,2% com internet, porém em linha crescente. Neste sentido, a mesma pesquisa demonstrou que, desde 2015, em todas as unidades da federação, o telefone celular passou a ser o meio mais utilizado para acesso à internet, sendo que, da população acima de dez anos de idade, 78,3% dos brasileiros têm posse do mesmo.

O percentual de acesso à internet por gênero (sexo) e geração oscila a partir da relação com outros componentes, como espaço, renda e escolaridade. A pesquisa do CETIC (Cetic.br, 2015), na questão que levanta se os indivíduos já utilizaram a internet, sem levar em conta o número de vezes e o lugar de acesso, aponta para percentuais gerais semelhantes entre os sexos, sendo 66% entre os homens e 65% entre as mulheres. Entre os jovens, a faixa etária contemplada neste artigo é a que mais acessou a internet no país, sendo que a CETIC divide os jovens entre os de 10 a 15 anos, com 85% deles tendo acessado a internet; e de 16 a 24, com 93% tendo já utilizado o recurso.

6 O Centro de Estudos sobre as Tecnologias da Informação e da Comunicação (Cetic.br) monitora a adoção das TICs no Brasil e integra um departamento do Comitê Gestor da Internet do Brasil (Cgi.br). O Cgi é um sistema de governança compartilhada, referência na gestão de TICs.

7 Pesquisa realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), principal órgão de pesquisa brasileiro, ligado ao governo federal.

Tabela 1 – Percentual de domicílios com internet

Proporção de domicílios com equipamentos de TIC com acesso à internet Àrea*. Percentual sobre o total de domicílios			
Equipamentos de TIC	2013	2014	2015
Telefone celular – Urbana	53,9	80,9	92,3
Telefone celular – Rural	47,6	71,9	88,4
Telefone celular – Total	53,6	80,4	92,1
Smart TV – Urbano	-	-	-
Smart TV – Rural	-	-	-
Smart TV – Total	2,7	4,9	7,5
Microcomputador – Urbana	89,1	77,6	71,2
Microcomputador – Rural	73,3	56,7	49,3
Microcomputador – Total	88,4	76,6	70,1
Tablet – Urbana	-	-	-
Tablet – Rural	-	-	-
Tablet – Total	17,2	21,9	21,1

Fonte – Elaborado por Vinícios Oliveira, membro da equipe de pesquisa, a partir dos dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD, 2013, 2014, 2015).¹

Além das categorias urbano e rural, nas pesquisas sobre acesso à internet, no Brasil, a renda tem se mostrado um fator relevante. As pesquisas do PNAD (2015) indicam que famílias com renda inferior a um salário mínimo mensal² ficam abaixo da média nacional, e, nas famílias com mais de cinco salários mínimos, 88,9% delas tinham acesso à internet nos lares, no ano apontado.

De toda forma, esses dados são apenas ilustrativos da presença desses equipamentos no meio rural investigado já que este tem suas particularidades, conforme é descrito na próxima seção.

1 A pesquisa da CETIC considera microcomputador como o computador portátil e o de mesa. Os percentuais apresentados são relativos aos percentuais totais de domicílios com acesso à internet.

2 Em 2015, o salário mínimo nacional estava em R\$ 788,00 (valor em moeda nacional).

O contexto de vida das famílias rurais

A pesquisa que dá origem ao artigo se desenvolve na microrregião de Santa Cruz do Sul, estado do Rio Grande do Sul, Brasil. O território³ que corresponde a essa divisão regional é composto por 16 municípios, parte com fortes características rurais, marcado economicamente pelo cultivo e pelo beneficiamento do tabaco, atividades que começaram no período de sua formação, com a colonização germânica, a marca cultural que se salienta no território, nas primeiras décadas do século XIX. Os imigrantes desenvolveram o cultivo do tabaco e a fabricação artesanal do fumo, sendo que o controle dos negócios ficou com o capital local até a primeira metade do século XX, quando empresas internacionais do setor adquiriram o poder sobre os negócios locais, transnacionalizando aos poucos a produção.

No espaço rural da microrregião predominam as lavouras de tabaco cultivadas em minifúndios com mão de obra familiar. Estão na microrregião, também, as empresas que fazem o processamento do produto no nível de país, distribuindo sua sede entre cinco municípios, formando ali o maior complexo de processamento do tabaco do mundo. Nessa microrregião, foi delimitado o município de Vale do Sol para a pesquisa de campo, cuja população é de 11.077 habitantes, com 88,72% (9.828) residindo em área rural (IBGE, 2010). Esses habitantes do espaço rural constituem mais de duas mil famílias de agricultores, com média de quatro ou cinco integrantes em cada, os quais cultivam o tabaco como principal atividade agrícola, intercalado com outras lavouras ou atividades de pecuária, grande parte para subsistência. Há envolvimento de toda família na produção do tabaco, sendo os adultos de forma direta, e os idosos e as crianças, indiretamente. As famílias rurais produtoras de tabaco dão uma dinâmica social ao território ocupado, em parte resultado da própria forma como está organizada essa produção, com trabalho manual e mão de obra familiar.

Os integrantes dessas famílias têm um fluxo de deslocamento frequente aos centros urbanos regionais para acessarem bens e serviços que não encontram no meio rural e resolverem questões ligadas à atividade produtiva. Os centros urbanos da região são formados por municípios pequenos e um médio, esse com aproximadamente 130 mil habitantes, considerado um centro regional de serviços de saúde, educação (centro universitário), de comércio e indústria, com atração, inclusive, pelos postos de trabalhos nesses setores. Por outro lado, as empresas beneficiadoras de tabaco se deslocam rotineiramente às propriedades rurais, uma vez que o regime de integração da produção implica na presença de técnicos das empresas, desde a assinatura do contrato da produção até o fornecimento de insumos e o acompanhamento do andamento da lavoura. No mais, essas populações, se consideradas atores sociais de um complexo agroindustrial distribuído espacialmente pelo planeta e com efetiva ação no local/regional, estão também em interação com o globo, em

3 Por território se compreende o espaço vivido, construído historicamente, a apropriação do espaço e as relações de poder.

decorrência da presença das empresas do complexo, por meio de seus técnicos, dentro da propriedade no monitoramento da produção. As TICs fazem parte desta dinâmica local/regional/global, no fornecimento de informações, no entretenimento e na viabilização das comunicações interpessoais mediadas.

Sobre a apropriação das TICs nos espaços rurais da microrregião, os agricultores familiares, relacionados à produção de tabaco, vêm tendo acesso aos bens culturais notadamente a partir da segunda metade do século XX – especialmente rádio, televisão, jornais e cartilhas. Vale o destaque que o período coincide com o desenvolvimento das indústrias culturais no Brasil e com a modernização da agricultura brasileira, que incorpora as populações rurais ao mercado de consumo de um modo geral. Na microrregião estudada, este é o momento quando a produção e o beneficiamento do tabaco se verticalizam, com o domínio do setor pelo capital internacional.

Dados recentes fornecidos pelos serviços de aferição dos órgãos reguladores, somados ao conhecimento empírico dos pesquisadores sobre a região, indicam que computador, celular e internet começam a aparecer a partir dos anos 2000 e, com mais força, depois de 2010. Mesmo com oferta crescente dos equipamentos, de modo geral, no rural brasileiro, com reprodução na microrregião em estudo, as condições técnicas de acesso não são homogêneas. No caso do telefone celular, em muitas localidades não há cobertura, noutras as operadoras informam que há sinal, o que não se confirma na prática. Com a internet, ocorre situação semelhante.

Em relação aos agricultores ligados à cadeia do tabaco, o Anuário Brasileiro do Tabaco (2016) faz referência ao acesso e à posse do computador, da internet e do celular, pelas famílias produtoras de tabaco, em todo o Sul do Brasil: 49% das famílias têm computador pessoal, 47% têm acesso à internet e 94% têm celular na propriedade rural, embora a posse do bem não signifique condições de uso em sua plenitude.

A entrada em campo

O universo rural investigado era relativamente desconhecido da equipe de pesquisa, já que a vida social dos membros da equipe se constituiu no ambiente urbano. Essa condição torna “[...] mais fácil pesquisar sobre universos desconhecidos, porque sua estranheza cria distância e obriga a ver com olhos novos fenômenos que seriam esquecidos se tais meios fossem familiares” (Beaud; Weber, 2007: 37).

Se, por um lado, o distanciamento com o meio a ser estudado traz vantagens para sua observação, por outro lado, isso dificulta o acesso aos informantes propriamente ditos. Por essa razão, optou-se por alternativa sugerida por Brandão (2007): a entrada dos pesquisadores numa dada comunidade ou grupo não se torna tão estranha quando se utiliza a intermediação de alguém próximo às pessoas que serão entrevistadas, já que isso pode proporcionar maior receptividade. Portanto, chegou-se às primeiras famílias a partir da indicação e do

acompanhamento de uma organização não governamental, a qual atua no fomento à produção e à comercialização de alimentos ecológicos na região há mais de três décadas.

Foram realizados seis deslocamentos ao município previamente indicado, com duas visitas a cada uma das sete famílias estudadas, nos anos de 2014, 2015 e 2016.⁴ Em cada família, houve uma conversa coletiva inicial entre pesquisadores e residentes no domicílio, bem como a aplicação de formulários individuais com questões de caráter sociocultural e de um formulário econômico, respondido por um membro da família que fornecia dados do núcleo familiar. Os formulários permitiram acesso a dados mais objetivos sobre as condições socioeconômicas do grupo e sobre a posse de tecnologias, tanto domésticas (microondas, refrigerador, lava-roupa, etc) e laborais (trator, carro, implementos agrícolas, etc) quanto de informação e comunicação (TV, rádio, celular, etc). Foram feitos, também, registros fotográficos durante as visitas. Posteriormente, cada pesquisador elaborou um relato da pesquisa de campo, destacando suas observações individuais sobre o espaço e os indivíduos pesquisados.

A segunda visita permitiu a realização de uma entrevista individual com cada membro da família, excetuando-se as crianças (menores de 12 anos), na qual foram abordados aspectos relacionados às práticas de consumo das tecnologias da comunicação. A entrevista seguiu um roteiro construído a partir de quatro eixos: 1) experiências de incorporação das TICs; 2) consumo das tecnologias de comunicação na atualidade e no passado; 3) relação com o meio de comunicação favorito; e 4) relação entre o trabalho e as tecnologias de comunicação. A pesquisa, realizada em duas fases, permitiu construir uma relação de relativa confiança entre pesquisadores e pesquisados, colaborando, sobretudo, para um clima de cordialidade e colaboração na entrevista individual.

O perfil dos jovens informantes indica que todos são nascidos em Vale do Sol, moradores do espaço rural do município, com alguma ascendência germânica, sendo filhos/as e netos/as de agricultores familiares produtores de tabaco, e seus pais são proprietários da terra, adquirida por compra ou herança. Os jovens pertencem a cinco famílias estudadas,⁵ são estudantes,⁶ agricultores ou têm ocupações profissionais do

4 No ano de 2017, foi realizada nova visita às sete famílias com o intuito de fazer a devolução da pesquisa aos sujeitos envolvidos, dando conta da sua finalização e entregando-lhes material síntese produzido pela equipe. Na ocasião, não foi aplicado novo instrumento, porém alguns dados foram informalmente coletados, observando-se a condição atual das famílias pesquisadas na sua relação de posse e uso das TICs. Os dados empíricos se referem aos primeiros dois anos da pesquisa, já as informações coletadas na visita feita em 2017 serão destacadas como sendo deste ano quando incorporadas ao longo do artigo.

5 Duas famílias têm filhos menores de 14 anos.

6 Com relação à escolaridade, dos 10 jovens, apenas três encerraram os estudos no final do ensino fundamental. Os demais ou estão cursando o ensino fundamental ou o ensino médio de base geral ou técnico (agropecuária) ou ensino superior (Horticultura, Arquitetura).

setor de serviços, mas relacionadas à atividade primária, e um deles também trabalha como músico. Mas, mesmo tendo empregos formais, serem estudantes e estagiarem (caso de dois jovens que cursam o ensino técnico) fora da propriedade familiar, eles envolvem-se com a atividade produtiva da família. Em termos de escolaridade, estão no ensino fundamental, médio ou na universidade, sendo que, dos que já deixaram os estudos, apenas dois fizeram somente o ensino fundamental, e todos têm maior grau de escolaridade do que seus pais. Além disso, todos têm acesso às mídias tradicionais, ao computador e ao telefone celular no lar, porém, em alguns casos, não há alcance do sinal de telefonia na propriedade rural. Com relação à internet, alguns jovens têm acesso em casa, outros somente pelo celular fora de casa ou no ambiente de trabalho, nos casos dos jovens com empregos urbanos.

Em relação às mulheres, mães, avós e jovens do grupo, as mães se dividem entre trabalho como agricultoras e as atividades do lar; as avós ficam com algumas atividades domésticas e pequenas tarefas da lavoura ou pecuária e, embora esse dado não tenha sido levantado diretamente pela pesquisa, elas são beneficiárias da aposentadoria rural, uma realidade existente há aproximadamente 40 anos no Brasil; e as jovens são estudantes e dividem tarefas do lar com as mais velhas, das quais apenas uma não estuda, tendo deixado a escola no final do ensino fundamental. Nesse caso, a condição de agricultoras é definidora do seu consumo de mídia, graças, especialmente, ao ciclo da produção e à organização do dia em função do trabalho na terra. O rádio, por exemplo, é o principal companheiro das famílias durante a época de curtir o fumo, ocasião em que, sobretudo as mulheres, permanecem no galpão. Durante o resto do ano, os dias são passados na lavoura, onde a companhia dos meios de comunicação é mais difícil. Nesses períodos, o consumo de mídia ocorre, geralmente, no início da manhã, ao meio-dia e no fim de tarde/noite, quando as famílias estão dentro de casa para realizar as refeições e descansar. Para as idosas, não existem essas “regras”, visto que é comum passarem o dia em casa, divididas entre tarefas domésticas e atividades de lazer, como assistir à televisão. Neste caso, a preferência é pela telenovela.

As ruralidades e as TICs

Na zona rural investigada, o sinal do telefone móvel é precário. Por esse motivo, em muitos casos, o celular é utilizado propriamente como telefone apenas quando há o deslocamento para a sede do município, uma cidade com pouco mais de 1.200 habitantes, 11,28% da população total do município (IBGE, 2010), ou para outras cidades da região. Apesar disso, essas tecnologias têm estimulado conversas e envio de mensagens entre amigos, familiares e casais; escuta de música; jogos em grupo; entre outras formas de interação, conforme destaca um entrevistado: “[...] no celular é mais questão de... de

comunicação, né?! Comunicação... fala com outra pessoa... [como] me comunica[r] com minha namorada, que tá (sic) mais longe, né?!” (HZ, 19 anos).⁷

É possível considerar que há uma intensificação da comunicação entre os jovens que estão no meio rural, mas também desses com pessoas que vivem nas cidades. Nessa última direção, nota-se a redução das distâncias entre espaço rural e urbano e um trânsito entre eles mais acentuado, seja pela melhoria da infraestrutura das estradas e do transporte, seja via uso de TICs, mais especificamente o telefone celular. São os jovens os atores mais afetados pela diluição das fronteiras entre rural e urbano. Talvez seja essa uma razão para que não se observe no grupo dos jovens investigados uma atração para a migração. No período da pesquisa, apenas um jovem migrou para a cidade, embora todos tenham manifestado desejo de permanecer no campo.

No caso das mulheres, inclusive das duas jovens, nas moradias onde há o alcance do sinal, o telefone celular é fundamentalmente utilizado para a integração familiar. Apenas uma idosa não possui telefone celular e, portanto, não o utiliza com essa finalidade. As demais assumem o papel de mantenedoras dos vínculos familiares, atribuindo, em quase sua totalidade, especial importância a esse meio para a comunicação com os familiares. Nesse tipo de uso, o celular é visto como uma “tecnologia do coração”: “[...] instrumentos imperfeitos, mediante os quais as pessoas tratam de manter alguma segurança da localização cultural” (Tomlinson *apud* Morley, 2008: 156). No caso das agricultoras entrevistadas, o telefone celular permite controlar as distâncias e os tempos daqueles que são próximos, mas que se encontram dispersos:⁸ “eu tenho irmãos morando em Porto Alegre, eu tenho irmãos morando [...] em Gravataí [...] se todos têm telefone eu consigo fala[r]. Eu não posso ir lá [visita-los], mas posso [falar] com eles... por isso que eu gosto do telefone” (AP, 45 anos).

Para os que têm acesso, a nova mídia vem ganhando preferência, dando espaço a um uso mais individual do que coletivo. Entretanto, esse uso individualizado não desestrutura e/ou desagrega o convívio familiar, como algumas pesquisas do ambiente urbano aferem, já que a especificidade da atividade produtiva da agricultura familiar e a vida no campo implicam tanto no compartilhamento da dinâmica do trabalho quanto no da vida doméstica (Escosteguy, Felippi, Sifuentes e Bianchini, 2014). Há, também, o consumo de certas mídias de forma coletiva, como o caso do rádio e da televisão, em certos momentos, como na audiência de telejornais ou telenovelas, dependendo de cada família, associada ou não à realização das refeições, e, especificamente do rádio, durante o período de secagem do tabaco, na estufa. Há relatos da negociação familiar na escolha da estação de rádio a ouvir.

7 Os/as informantes são identificados pelas iniciais dos seus nomes e sobrenomes.

8 Embora se aplique parcialmente à compreensão de que oferece segurança num mundo de incertezas, perigos e violências, apenas SC (40 anos) mencionou o aspecto da violência, tendo em vista que seu filho se desloca, diariamente e sozinho, de carro para a universidade, retornando sempre à noite.

Sobre a posse dos aparelhos celulares, a maior parte dos jovens teve seu próprio telefone por volta dos onze ou doze anos. O aparelho foi adquirido pela família, em boa parte dos casos, numa compra coletiva, quando todos os membros passaram a ter seu primeiro aparelho; ou o aparelho foi usado por um familiar e cedido ao jovem. Entre eles, os usos majoritários são para mensagens, escuta de música, acesso à internet com destaque às redes sociais (*Facebook*) e ligações telefônicas. Os jovens que trabalham referem seu uso para os contatos de trabalho. Possuir um telefone celular, para estes jovens, também, é requisito para integrar um grupo, ou seja, dispositivo de identificação e diferenciação: “Pra mim, também foi... assim... interessante, porque quando eu ia no (sic) colégio, né, todas as minhas amigas tinham e eu não” (AP, 23 anos).

No caso do computador, os relatos são de que a aquisição veio do estímulo dado pela escola. A informatização das escolas, equipadas com salas de informática e aulas de iniciação para os estudantes no ensino fundamental e médio, é central nesse processo de contato e familiarização com essa tecnologia: “Já tinha feito o curso [...] quando eu ia no (sic) colégio” (AP, 23 anos); “Na escola nós [acessamos] a internet só quando tem aula de computação, ou quando o professor insiste em levar [...] pra sala de computação” (MoC, 15 anos).

Assim, em quatro famílias o computador foi adquirido em função de uma demanda das atividades escolares dos filhos:

[...] é que na realidade nós compramos o computador por causa que o R precisava dele pra fazer o segundo grau, né? Lá na escola agrícola de Santa Cruz... Daí tinha muito trabalho pra ele fazer e ele sempre tinha que ir até no Alto Castelhana quando tinha que pesquisar uma coisa na internet. Daí tinha que ir pra lá toda vez, né? E daí a gente resolveu ter em casa para ele não precisar toda vez ir. E ficava melhor pra ele [...] (EK, 37 anos).

Percebeu-se um discurso quase unânime das famílias de que o computador permitiria melhorias no aprendizado, bem como oportunidades profissionais futuras aos filhos. Os pais valorizam a aquisição de novos saberes e novas práticas, ainda que o poder decisório se concentre mais na figura paterna. Contudo, em duas das famílias investigadas, a mãe teve papel central na entrada do computador no lar.

Além disso, aquilo que se passa na escola – como o uso de uma nova tecnologia de comunicação – tem impacto primeiro, e especialmente, nas mães, constituindo claramente relações sociais diferenciais decorrentes da distinção entre sexos. Um exemplo disso é o uso da internet para ajudar o filho em uma pesquisa escolar, como menciona CV (30 anos). Nesse sentido, Maria Eulina de Carvalho (2004: 55) destaca que o envolvimento com a escola “[...] tem se limitado à obrigação materna, no contexto de uma divisão sexual do trabalho educacional que persiste e é tomada como natural pela própria escola”. Esse modelo, reforçado pela escola e pela família, além de sobrecarregar as mães, perpetua uma inequidade de gênero (Idem).

Quando esse artefato tecnológico – o computador – passa a ser incorporado pelos demais membros da família, especialmente pai e mãe, seu uso desvincula-se da orientação escolar e, desse modo, esta perde seu papel de regulação. O que ocorre, também, junto aos estudantes, os jovens, que passam a usá-lo com outras funcionalidades. E, a partir do momento em que o computador (*notebook/tablet*) entra no lar, os usos passam a ser diversos, não se restringindo a questões escolares ou do trabalho, apontando para uma refuncionalização simbólica (Winocur, 2009). Em casos em que não há acesso à internet no lar, os jovens usam a mídia com jogos disponíveis em CDs, ou a usam fora de casa, em espaços públicos e na escola ou universidade, onde têm acesso à rede, tanto de telefonia quanto de internet. Em casos que há internet no lar, o computador serve para assistir a filmes, ouvir música, fazer pesquisas para a escola e, principalmente, acessar as redes sociais.

Entre os jovens, o uso do *Facebook* aparece, porém, de maneira menos significativa do que entre as mulheres de todas as idades. O uso das redes sociais como um novo modo de narrar suas próprias vidas se revela de modo marcante em entrevistadas como EK (37 anos), em que a narrativa do cotidiano se dá por meio de linguagem já estabelecida nesse meio. EK descreveu um episódio significativo em que usou um vestido novo para tirar fotografias com os pais com o único intuito de postá-las na rede social. Após explicar que a escolha da roupa foi para deixar a foto mais bonita, contou: “[...] daí eu gosto de olhar as curtidas que [dão], e os comentários [...] Os comentários são todos de amigos... assim... que eu tô (sic) bem de vermelho, que são lindos [os sujeitos da fotografia], e ‘gosto muito de vocês’ ... ‘Saudades de vocês’”.

Vários relatos evidenciam que o *Facebook* é um espaço para destacar e desdobrar aspectos da vida pessoal e familiar das usuárias adultas (aqueles que elas decidem compartilhar com outros), constituindo-se como ferramenta de socialização e complementação das interações face a face. Esse último tipo de interações, por sua vez, não foi substituído pelas novas formas das redes sociais e continua muito valorizado, inclusive, constituindo-se como atividade preferida entre as entrevistadas adultas. Várias declararam estar entre suas atividades preferidas a visita aos familiares.

Nesse contexto, observou-se que, no meio rural, em especial no âmbito da agricultura familiar, o tempo dedicado às redes sociais, nesse caso o *Facebook*, não se associa à fragmentação e à dispersão no interior do espaço doméstico, pois as refeições cotidianas e, também, o trabalho são compartilhados e vividos coletivamente. E, ainda, que o *Facebook* não se configura como uma plataforma em que se manifestam reivindicações em relação propriamente ao espaço do rural ou ao descontentamento com a situação do país, mesmo assim, tem claramente repercussões na sociabilidade dos/das informantes, tanto no enlace com a família como com os/as amigos/as.

As falas dos jovens indicam um uso da nova mídia e, também, da mídia tradicional para o lazer, embora sua aquisição seja justificada, em primeiro lugar, pelo estudo e, secundariamente, pelo trabalho. Acredita-se que, como a entrada das TICs no rural brasileiro tenha sido marcada pelo rádio e pela televisão, meios com grande parte do

conteúdo voltado ao entretenimento, somado a pouca oferta de lazer nesse contexto, as novas mídias sejam igualmente transformadas em alternativas de lazer. A novidade é seu papel na reconfiguração e diversificação de sociabilidades: “[...] a internet aqui é quase só pra Face[book]... só pra isso [...] a gente pesquisa umas coisa[s] quando quer saber, umas notícia[s]... [algumas] coisa[s] a gente pesquisa” (MoC, 15 anos).

No espaço rural estudado, constatou-se que os jovens têm buscado alternativas de uso da internet, buscando lugares com conectividade, driblando as dificuldades técnicas – ausência de conectividade – presentes em algumas propriedades rurais. O acesso se dá prioritariamente pelo celular, devido à mobilidade e à posse individual do aparelho. Na zona rural de Vale do Sol, uma sede da localidade onde vivem parte dos informantes tem se tornado espaço de encontro dos jovens para acesso à rede, dando uma nova dinâmica ao espaço: “[ficamos] quase três, quatro horas ontem de noite acessando internet [...] Dentro do carro... Daí quando enjoa volta pra casa” (AP, 23 anos).

No entanto, não se pode desconsiderar o fato de que, embora determinados usos equiparem homens com mulheres jovens, também há reprodução de desigualdades. Por exemplo, embora possua telefone celular e participe das saídas noturnas para acessar a internet, AP (23 anos) assume não ter tanta facilidade para usar o telefone celular e o computador quanto seu marido e seu cunhado, revelando diferenças entre ela e eles.

As desigualdades de gênero não são as únicas que se perpetuam. O corte de classe social também se mostra, uma vez que as famílias de agricultores podem ser consideradas como pertencentes às classes populares pela sua condição de vida e trabalho. Os membros dessas famílias passam por dificuldades técnicas de acesso e econômicas, seja em decorrência da chegada tardia dessas tecnologias no lar, seja pelos limites da conectividade, e usufruem com limitações dos benefícios das TICs. O quadro se intensifica se somado à baixa escolaridade, especialmente dos adultos e dos idosos, que, no grupo estudado, com duas exceções, não ultrapassaram o sexto ano do ensino fundamental.

Entre as mulheres, observamos que algumas das adultas e todas as idosas entrevistadas alegam lhes faltar competências técnicas no manejo, especialmente, da internet e do computador, ressaltando o fato de que não os utilizam sozinhas, apenas através dos filhos e netos. Algumas ainda indicam que pedem auxílio aos maridos para configurar aparelhos e baixar fotos de câmeras digitais para postar no *Facebook*. Cabe notar que há uma visão recorrente que associa o campo da tecnologia como propriamente masculino – vide o automóvel e, no meio rural, o trator.

No que diz respeito à competência no uso do computador, a exceção entre as entrevistadas é EK (37 anos). Ela comenta que o fato de não dirigir o automóvel da família,⁹ e, assim, não ter mobilidade para realizar atividades fora do espaço doméstico, é compensado pelo uso intensivo do computador, sobretudo, do *Facebook*. Isso

9 Das famílias entrevistadas, apenas uma das mulheres (LZ, 40 anos) dirige o automóvel da família.

é uma evidência de que a utilização desse artefato lhe permite escapar da monotonia do lar. Nesse caso, há um tensionamento do papel de gênero previamente construído à entrada das TICs: se EK (37 anos) não tem competência para lidar com o automóvel, agora revela controle do computador.

O tensionamento dos papéis sociais de gênero também se expressa no caso de LZ (40 anos), embora de modo ambivalente: ela dirige o automóvel da família, é a responsável pela produção agrícola da propriedade familiar e utiliza o computador de mesa, mas declara que “não consegue usar o *note[book]*” e fica na dúvida sobre qual é seu meio favorito: “acho que é o celular porque hoje dá para ouvir música”, embora reconheça que não sabe utilizar essa funcionalidade no aparelho. Ainda, sobre o computador, diz: “tem que deixar ele ‘firme’ lá”, atribuindo essa justificativa para não indicá-lo como o meio preferido. Ou seja, as duas entrevistadas, que mais têm competência no uso do computador, mesmo assim, revelam sua insegurança com o manuseio de algum artefato tecnológico.

Essas evidências nos levam a pensar na importância em desenvolver uma perspectiva histórica como sustenta Morley (2008: 140): “[...] na prática, a dinâmica de fazer que as tecnologias sejam fáceis de usar para o consumidor, com frequência, implica inseri-las em formas reconhecíveis de épocas anteriores”. Ou seja, as mulheres não estavam expostas ao uso de determinadas tecnologias – carro, trator e outros implementos agrícolas – e apenas à utilização de algumas tecnologias domésticas bastante simples – refrigerador e ferro de passar, por exemplo. Em alguns casos, nem mesmo à televisão. Como lembra LZ (40 anos), o único que acendia o aparelho televisor de sua casa era seu pai.

Outro aspecto observado, mesmo entre as entrevistadas mais jovens, como DA (22 anos), foi certo desinteresse pela tecnologia no que diz respeito à constante troca de aparelhos por versões mais novas e atualizadas. Isto reforça o que dissemos anteriormente.

[...] eu percebia que as outras pessoas sentiam necessidade, antes do que eu, de trocar [...] eu percebia que eu conseguia prestar mais atenção na aula do que meus colegas... Aí eu pensava: ‘ah, não vou trocar, deixa esse, né?!, não vou me distrair com outras coisas’. E aí agora [...], como eu vendo moletons do curso, aí eu senti mais necessidade de falar com as pessoas, marcar encontro de onde eu ia entregar o produto, ou onde que eu ia encontrar [a pessoa] pra ela conhecer o produto.

Entre as adultas, AdP (45 anos) destacou o fato de a evolução dos aparelhos celulares ser um empecilho para o seu uso:

[...] naqueles telefone[s] que eles [os filhos] têm hoje em dia... esse monte de coisa... eu precisaria aprende[r] primeiro... Porque eu não sei lida[r] com aquilo, né?! Eu sei ligá, eu sei atendê (sic)... mas aqueles mais simples... aqueles de botãozinho... A maioria nem tem mais botão.

E, mesmo LZ (40 anos) que faz uso do celular tanto para a integração familiar quanto para potencializar sua atividade laboral, assume que “não sabe mexer na internet no celular”.

Associando os tipos de uso das TICs, o papel exercido pelas tecnologias para as mulheres rurais e também a insegurança revelada por quase todas as entrevistadas no manuseio de celulares e computadores, concordamos com o resultado de outro estudo (Cruz; Castro, 2014) que aponta que nem sempre se mostra interesse na capacitação de TICs quando estas não estão articuladas com preocupações relacionadas à sobrevivência e à reprodução de suas famílias. Esse parece ser o caso das mulheres rurais entrevistadas.

Mesmo assim, o celular, apresentando uma linguagem mais simplificada e, portanto, mais inclusiva, também aparece com um especial sentido de ganho de autonomia. Segundo uma das entrevistadas idosas (NS, 64 anos), o telefone permite que ela “se valha sozinha”, mencionando a importância desse meio para a obtenção de informações de transporte e encomendas de mercadorias na área urbana do município. A situação do grupo estudado se aproxima de pesquisas nacionais que dão conta de que a maior parte das pessoas que acessam a internet no Brasil o faz pelo aparelho celular (PNAD, 2015).

Ainda a respeito da internet, percebemos como a mudança de suporte – no caso de uma das entrevistadas, de computador de mesa para um *tablet* – alterou práticas cotidianas de uso da internet e sua relação com as tarefas domésticas. Para EK (37 anos), com o novo aparelho, ela não precisou mais se deslocar várias vezes por dia até a sala para conferir suas mensagens no *Facebook*. Acostumada a conectar-se à rede social durante as tarefas domésticas, passou a levar consigo o *tablet* conectado à internet para os cômodos onde realiza tais tarefas – em especial, a cozinha:

[...] quando eu tô (sic) fazendo a comida. eu trago o tablet na cozinha, né?! Daí, tipo, eu venho pra fazer o almoço, daí eu trago ele junto. Ficou melhor, bem mais confortável, né?! que eu posso levar ele (sic) pra onde eu vou, né?! não preciso ficar toda hora indo lá na sala, né?! pra ver se tem uma coisa pra mim.

Ressalta-se que no meio rural, a mulher, além de seus papéis de esposa e mãe, ocupando uma posição central no espaço doméstico do lar, “ajuda” o marido na roça. Todas as mulheres adultas entrevistadas, que moram na propriedade rural, declararam trabalhar na agricultura. Geralmente, elas destacam não enfrentarem o trabalho “pesado”, o que no caso do cultivo do fumo, muitas vezes, se refere ao trabalho com os agrotóxicos – o que reproduz e reforça marcadores identitários de gênero: força e habilidade no manuseio de máquinas é atribuição masculina; fragilidade e habilidade para “enrolar” o fumo, destreza feminina. De toda forma, a participação da mulher na lavoura é bem-vinda, mas sustenta uma divisão de trabalho com base na distinção de gênero. A possibilidade de tensionamento e negociação desse papel foi observada, de modo forte, no caso de LZ (40 anos) e, de modo mais atenuado, na família K. No lar de EK (37 anos) pode-se observar que a rotina da casa e a distribuição das tarefas domésticas incluía, pelo menos, a participação de um dos membros homens, RK (20 anos), seu filho.

Considerações finais

A presença da nova mídia, em especial o telefone celular e o computador, com ou sem acesso à internet, é um dos componentes da ruralidade contemporânea estudada, com certeza, ocasionando alterações de distintas ordens, já evidenciadas de alguma forma na seção anterior, tanto no grupo dos jovens quanto no das mulheres adultas e idosas. Contudo, sua chegada se articula com práticas e vivências com tecnologias já consolidadas: TV, rádio e jornal. Além disso, constituindo as “novas” ruralidades, as tecnologias digitais se ligam a outros elementos – incremento da escolaridade, possibilidade de ocupações profissionais não agrícolas e maior mobilidade física – que estão compondo, sobretudo, os universos culturais da juventude rural contemporânea.

Ao longo da pesquisa, foi possível também identificar diversidade e diferença nos usos das TICs em relação às posições de gênero e geração. Foram descritas algumas situações de tensionamento nessas relações, ou seja, de relativo empoderamento das mulheres, sobretudo as adultas, via uma incorporação particular das TICs, o que, de certa forma, contrasta com relações familiares tradicionais e cristalizadas no meio rural. No entanto, nota-se que esse caminho recém se inicia, evidenciando que ainda há muito por fazer tanto dentro do lar quanto fora dele. Em relação à diferença dos usos das TICs, no que diz respeito aos jovens e adultos, observou-se que são os primeiros que facilitam, auxiliam e estimulam os mais velhos na adoção desses artefatos.

Ainda, no que se refere às diferentes incorporações e aos usos do telefone celular e do computador entre mulheres e homens, as evidências coletadas corroboram a importância em assumir uma perspectiva histórica, como sustenta Varela (2010: s/p): “[...] no lugar de considerar os meios atuais como produto de uma ruptura radical com os anteriores, entendo que os meios atuais são produto de uma história prévia e carregam as marcas dessa história”. Ou seja, é necessário considerar, no caso das mulheres, a ausência de manuseio de determinadas tecnologias e um processo de aproximação paulatina de outras. Daí a necessidade de manter em foco uma gama ampla de artefatos tecnológicos inter-relacionados, isto é, a interação entre meios, os usos que emergem na sua entrada na vida cotidiana, bem como as transformações que ocorrem ao longo do tempo. Por essa razão, reitera-se a pertinência de assumir uma perspectiva teórica que descentre os meios do marco analítico com o objetivo de melhor compreender os processos de entrelaçamento entre tecnologias, “novas” e “velhas”, e vida cotidiana (Morley, 2008).

Outra consideração que emerge da pesquisa é o quanto as novas mídias têm viabilizado novas formas de sociabilidade. Embora a maioria dos estudos considere apenas o espaço urbano, no caso do espaço rural observam-se outros contornos. A especificidade dos usos das mídias no rural decorre de uma série de fatores. Na realidade da agricultura familiar destaca-se a linha tênue que divide o tempo e o espaço de lazer e de trabalho. O trabalho coletivo familiar e sem a presença de empregados externos à família, feito no entorno do lar e durante todos os dias da semana, dá uma dinâmica própria ao grupo,

para o qual não só o espaço, mas o tempo de lazer e de trabalho têm limites estabelecidos pela rotina e pela dinâmica da própria produção, com sazonalidades.

Neste sentido, os usos das TICs acompanham esta dinâmica particular. Em período de intenso trabalho na safra do tabaco, por exemplo, as TICs são quase que deixadas de lado. Nos períodos de menor atividade laboral, nos finais de semana e em dias impróprios para o trabalho na lavoura, as mídias ganham espaço na rotina das famílias. Ao contrário do que as pesquisas centradas no espaço urbano têm apontado, talvez, no rural, com as características da localidade aqui estudada, a sociabilidade viabilizada por essas mídias pode não estar contribuindo para a dispersão familiar e o individualismo, embora se observem usos individualizados, sobretudo do telefone celular e do computador, com ou sem acesso à internet. Ao invés disso, a mídia viabiliza a manutenção da convivência intensa do grupo familiar, permitindo que se rompam as barreiras das distâncias e do isolamento, características do rural brasileiro, e talvez repercuta na permanência destas populações nesse espaço. Essa inferência é uma possibilidade a ser investigada na sequência da pesquisa, caso se retorne ao mesmo local, passado algum tempo.

De todo jeito, os dados coletados evidenciam que os modos de viver nesse rural contemporâneo estão sendo afetados e que a vida pessoal e familiar revela transformações desde a chegada, em especial, da internet e da presença do telefone celular. As novas mídias se inserem nos espaços da vida social, nas lacunas do trabalho agrícola e doméstico, modificando os modos anteriores de convivência dos membros da família entre si e entre as demais pessoas de suas relações. E os sujeitos vão dando usos a essas mídias a partir de sua competência cultural e da viabilidade de acesso, refuncionalizando as mídias na medida de suas necessidades e possibilidades.

Referências

- Anuário Brasileiro do Tabaco* (2016). Santa Cruz do Sul: Editora Gazeta Santa Cruz do Sul, 2016. Recuperado de: http://www.editoragazeta.com.br/wp-content/uploads/2016/12/PDF-TABACO_2016.pdf.
- BEAUD, S. e WEBER, F. (2007). *Guia para a pesquisa de campo*. Petrópolis: Vozes.
- BRANDÃO, C. R. (2007). «Reflexões sobre como fazer trabalho de campo». *Sociedade e Cultura*, 10(1), 11-27. Recuperado de: <http://www.revistas.ufg.br/index.php/fchf/article/view/1719>.
- CARNEIRO, M. J. (2012). «Do rural como categoria de pensamento e como categoria analítica». En M. J. Carneiro, *Ruralidades Contemporâneas: Modos de viver e pensar o rural na sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Mauad X/Faperj.
- CARVALHO, M. E. P. DE (2004). «Modos de educação, gênero e relações escola-família». *Cadernos de Pesquisa*, 34(121), 41-58.
- CRUZ, RODRIGO D. e CASTRO, RODRIGO R. (2014). «Reflexiones sobre la construcción del ecosistema doméstico de la tecnología – Modalidades de apropiación de las TIC desde la desigualdad». *Versión. Estudios de Comunicación y Política*, 34, 93-104.

- CETIC.BR (2016). *Pesquisas e indicadores sobre TIC a Domicílios, 2008 – 2016*. Recuperado de: <http://data.cetic.br/cetic/explore>.
- COULDRY, N. (2010). «Theorising media as practice». En B. BRAUCHLER e J. POSTILL (orgs.), *Theorising media and practice*. Nova York: Bergham Books.
- ESCOSTEGUY, A., FELIPPI, Â., SIFUENTES, L. e BIANCHINI, A. (2014). «O estudo de práticas relacionadas à mídia junto a famílias de agricultores do tabaco: Uma reflexão teórico-metodológica». *Razon y Palabra*, 18(88). Recuperado de: http://www.razonypalabra.org.mx/N/N88/Varia/39_EscosteguyFelippiSifuentesBianchini_V88.pdf.
- ESCOSTEGUY, A. C.; SIFUENTES, L. e BIANCHINI, A. (2017). «Mulheres rurais e seus usos mediados das TICs: Tensionamentos e permanências nas relações de gênero». *Revista Intercom*, 40(1), 195-211.
- FELIPPI, Â. C. T. e ESCOSTEGUY, A. C. (2017). «Juventude rural e novas formas de sociabilidade: Um estudo do uso do celular no sul do Brasil». *Revista Latinoamericana de Ciências de la Comunicación*, 14, 1-11.
- IBGE (2010). *Censo demográfico: Tabela 202*. Recuperado de: <http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/tabela/listabl.asp?c=202&z=t&o=25>.
- IBGE (2017). *Classificação e caracterização dos espaços rurais e urbanos no brasil: Uma primeira aproximação*. Rio de Janeiro: IBGE, 2017. Recuperado de: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv100643.pdf>.
- LIVINGSTONE, S. (1996). «El significado de las tecnologías domésticas: Un análisis del constructo personal de las relaciones familiares respecto del género». En R. SILVERSTONE e E. HIRSCH (eds.). *Los efectos de la nueva comunicación: El consumo de la moderna tecnología en el hogar y en la familia* (pp. 169-192). Barcelona: Bosch.
- MARTÍN-BARBERO, J. (2009). «Uma aventura epistemológica: Entrevista». *Matrizes*, 2(2), 143-162.
- MORLEY, D. (2008). *Medios, modernidad y tecnología: La geografía de lo nuevo*. Barcelona: Gedisa.
- PNAD (2015). *Acesso à internet e posse de telefone móvel celular para uso pessoal, 2015*. Recuperado de: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv99054.pdf>.
- PNAD (2014). *Acesso à internet e posse de telefone móvel celular para uso pessoal, 2014*. Recuperado de: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv95753.pdf>.
- PNAD (2013). *Acesso à internet e posse de telefone móvel celular para uso pessoal, 2013*. Recuperado de: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv93373.pdf>.
- PINK, S. e MACKLEY, K. (2013). «Saturated and situated: Expanding the meaning of media in the routines of everyday life». *Media, Culture & Society*, 35 (6), 677-691.
- SILVERSTONE, R. e HIRSCH, E. (eds.) (1996). *Los efectos de la nueva comunicación: El consumo de la moderna tecnología en el hogar y en la familia*. Barcelona: Bosch.
- VARELA, M. (2010). *La dinámica del cambio en los medios: Él miraba televisión, you tube*. Buenos Aires: FLACSO.
- WINOCUR, R. (2009) *Robinson Crusoe ya tiene celular*. México: Siglo XXI.